

ALMANAQUES DE RIO CLARO: CIDADE LETRADA, CIDADE DO PROGRESSO (1873, 1895 e 1906)

Arrovani Luiz Fonseca¹

Resumo: A proposta deste artigo é a de interpretar, através de seus variados discursos e imagens, a cidade de Rio Claro, interior paulista, representada nos seus três almanaques (1873, 1895 e 1903) na concepção de cidade letrada, tal como proposta por Angel Rama. A cidade modernizada, compreendida como lócus do domínio da palavra escrita, relaciona-se a uma nova ascensão social, ligada aos círculos de poder, gerada pela expansão da sociedade burguesa. Contudo, nesse meio em expansão de oportunidades, profissionais liberais tais como funcionários públicos, jornalistas, tipógrafos entre outros, que passaram a exercer funções intelectuais, criando para estes um território próprio. O fenômeno resulta no surgimento de uma cultura impressa, na qual o almanaque, dentre muitos outros gêneros, se insere como catalisador dos desejos de formulação do imaginário do progresso e da civilização. A cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, não ficou distante desses interesses, pois teve a sua história marcada pela pujança da cafeicultura e da modernização do seu espaço urbano. Explorando as páginas desses almanaques, propõe-se aqui a compreensão do progresso histórico da cidade em suas idealizações e ambivalências.

Palavras-chaves: Rio Claro – Almanaque – Cidade Letrada – Progresso

Abstract: The purpose of this article is to interpret, through its varied speeches and images, the city of Rio Claro, inland São Paulo, represented in its three almanacs (1873, 1895 and 1906) in the conception of literate city as proposed by Angel Rama. The modernized city, understood as the locus of the domain of the written word, is related to a new social ascension, linked to the circles of power, generated by the expansion of the bourgeois city. However, in this environment of expanding opportunities, professionals such as civil servants, journalists, printers and others who started to exercise intellectual functions, creating for them their own territory. The phenomenon results in the emergence of a printed culture, in which the almanac, among many other genres, inserts itself as a catalyst for the wishes of formulating the imaginary of progress and civilization. The city of Rio Claro, inland São Paulo, was not far from these interests, as its history was marked by the strength of the coffee-growing and the modernization of its urban space. By exploring the pages of these almanacs, it is proposed here to understand the historical process of the city in its idealizations and ambivalences.

Key words: Rio Claro – Almanac – Literate City – Progress.

¹ Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em História pela UNESP/Franca. Docente da SEDUC-SP. e-mail: arrovani@hotmail.com

A busca por definições da palavra almanaque em diferentes sociedades revela uma historicidade sobre suas concepções e usos ao longo do tempo e dos espaços geográficos. É uma tarefa de pesquisa das mais interessantes para o pesquisador que perscruta seus sentidos. Na Grécia, o vocábulo *almenikhiaká* (MARTELETO, GUIMARÃES e NOBREGA, 2011, p. 91) relacionava-se, diretamente, ao domínio do campo astrológico, ou mesmo calendários, e constituíam, manuscritos “que definem o tempo da religião, do trabalho e da dívida”. Na Idade Média, surgiu a palavra *almanac*, oriunda do árabe *al-manakh*, que veicula o sentido de calendário ou de memorial. Outra acepção advém dos povos do Oriente, que, sob uma tenda, ouviam as lições dos patriarcas, posteriormente reproduzidas nas publicações. Nesse contexto, outro sentido também derivado do árabe pode ser o de um “lugar onde a gente manda ajoelhar os camelos” e que se contam histórias. Entre os primitivos germânicos, havia a palavra *allmud-agt*, que circulava na região da Escandinávia e da Alemanha. Indicava profecias e antedatava, em um ano, as fases da lua. A propriedade da invenção dos almanaques é muito difusa, no entanto sua forma original ligava-se, diretamente, a delimitações de ciclos e de períodos — inclusive de predições.

O tempo constitui a matéria principal dos almanaques antigos manifestada de forma diversa, através de calendários, datação de colheitas, meteorologia e dos ciclos da lua. Além disso, delimita a orientação da vida do próprio homem. Sentidos associados à constância temporal para delinear sua função utilitária na demarcação do cotidiano.

Uma bela história que remonta à origem dos almanaques é apresentada por Eça de Queiroz, como prefácio ao *Almanaque Encyclopédico*, de 1896 publicado em Lisboa, nos diz:

Uma velha lenda talmúdica”, segundo o qual dois sábios, filhos de Seth, procuraram salvar do Dilúvio a ciência até então acumulada, escrevendo em material recuperável o “livro de todo o saber”; E o “livro de todo saber, gravado para a humanidade vindoura sobre o tijolo e o granito, nas vésperas do Dilúvio, por dois sábios, filhos de Seth, era, na realidade — um almanaque (apud. RADICH p.11).

É que o Almanaque contém essas verdades iniciais que a Humanidade necessita saber, e constantemente rememorar, para que a sua existência, entre uma Natureza que lhe não é benévola, se mantenha, se prossiga toleravelmente. A essas verdades, a essas regras, chamam os Franceses, fins classificadores, verdades de Almanaque. São as grandes verdades vitais. O homem tudo poderia ignorar, sem risco de perecer, exceto que o trigo se

semeia em Março. E se os livros todos desaparecessem, bruscamente, e com eles todas as noções, e só restasse da vasta aniquilação, um Almanaque isolado, a Civilização guiada pelas indicações genéricas, sobre a Religião, o Estado, a Lavoura, poderia continuar, sem esplendor, sem requinte, mas com fartura e com ordem. Por isso os homens se apressaram a arquivar essas verdades de Almanaque, antes mesmo de fixar em livros duráveis as suas Leis, os seus Ritos, os seus Anais. Antes de ter um Código, uma Cartilha, uma História, a cidade antiga teve um Almanaque.

Só o Almanaque verdadeiramente nos penetra na realidade da nossa Existência, porque a circunscreve, a limita, a divide em talhões regulares, curtos, compreensíveis, fáceis de desejar e depois fáceis de recordar porque têm nome, e quase têm forma, e onde se vão depondo e vão ficando os factos da nossa feliz ou desgraçada História. As datas, e só elas, dão verdadeira consistência à vida e à sua evolução. (apud. 2012, ANASTÁCIO, p.55)

Aí se tem uma concepção de almanaque como guardião da memória, da sabedoria humana, de todo o conhecimento, dos ciclos da natureza, daquilo que tudo traz de fundamental para a existência. É certo que, ao fazer essa afirmação, Eça de Queiroz imaginou um formato editorial voltado para um público diferenciado, com os mesmos elementos tradicionais das antigas publicações, direcionado à instrução e ao deleite dos leitores. O historiador Jacques Le Goff destaca que os almanaques poderiam ser

Ilustrado com signos, figuras, imagens, o almanaque dirige-se, sobretudo, aos analfabetos e a quem lê pouco. Reúne saberes astronômico, com os eclipses e as fases da Lua; religioso e social, com as festas e especialmente as festas dos santos que dão lugar aos aniversários no seio das famílias; científico e técnico, com conselhos sobre os trabalhos agrícolas, a medicina, a higiene; histórico, com as cronologias, os grandes personagens, os acontecimentos históricos ou anedóticos; utilitário, com a indicação das feiras, das chegadas e partidas dos correios; literário, com anedotas, fábulas, contos; e, finalmente, astrológico. (LE GOFF, 1990 p. 527).

No Brasil a data dos primeiros almanaques impressos deu-se com a chegada da família real portuguesa, em 1808, trazendo consigo a imprensa. Com assinatura e organização de Alexandre José Curado de Figueiredo e Albuquerque foi publicado o *Almanaque da Corte do Rio de Janeiro para o ano de 1811*, com falhas e erros de paginação. É famoso do Almanaque da Bahia de 1812 a partir da tipografia de Manoel Antônio da Silva Serva, publicou-se outro almanaque, o qual se dirigia ao público dizendo que "todos reconhecem que semelhantes manuais são de grande socorro para os negócios da vida" (RODRIGUES, 1973). Esses impressos traziam a relação de cargos administrativos, como os de vice-reis, além de informações sobre corpo militar, forças de primeira linha e milícias, grandes latifundiários baianos, secretaria do governo, firmas de grande capital, negociantes e outros profissionais liberais.

Octavio Tarquínio de Souza constata, em seu trabalho sobre a imprensa periódica no século XIX, que não fosse a ausência de prelos, possivelmente o Brasil teria seu primeiro almanaque produzido já em 1792. A iniciativa do autor, que recolhia informações para produzir o *Almanaque da cidade do Rio de Janeiro*, “era um trabalho informativo, cheio de dados e referências de utilidade imediata para o leitor coevo, que não houve, e de valor de documento histórico para o pósteros”. O mesmo autor preparou outro almanaque para 1794, o qual, porém, não foi publicado. (SOUZA, 1986, p.12-13). Em 1799, Antônio Duarte Nunes, que fora tenente de Bombeiros do Regimento de Artilharia, organizou o *Almanaque Histórico da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*.

O *Almanak Laemmert*, nome popular do *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, foi editado pelos irmãos Eduard e Heinrich Laemmert entre 1844 e 1889, e entre 1891 e 1940. A publicação consiste em uma das mais completas do gênero. A Typographia Universal — de propriedade de dois irmãos — empresa responsável pelo material, também produzia folhinhas e livros de literatura. Inicialmente, tal almanaque possuía poucas páginas, mas, com o tempo, chegou a ter 1700 (HALLEWELL, p.234). O *Almanak Laemmert* incorporou outras publicações da mesma gráfica, colhidas nas folhinhas, como calendários astrológicos, de comemorações religiosas, de dias de gala, de dias de audiência e de sessões dos tribunais e júzós, de partidas dos correios terrestres, além da lista dos monarcas e chefes de Estado (DONEGÁ, p.22). Ao que parece, os primeiros almanaques brasileiros voltavam-se aos registros administrativos, com foco na capital carioca.

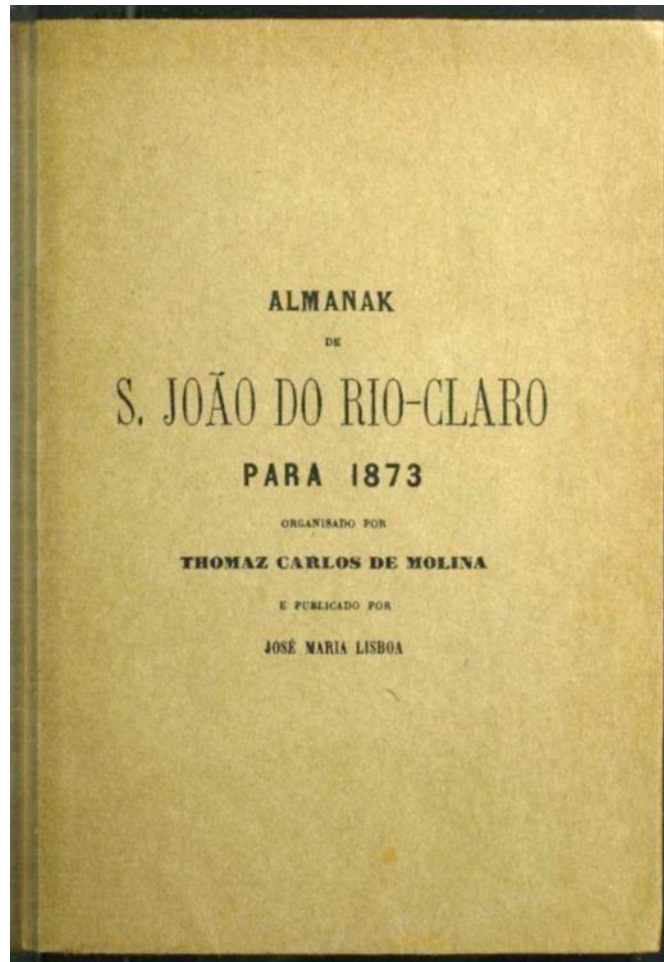
As variações dos conteúdos aconteceram no decorrer do século XIX, quando passaram a voltar-se aos interesses do público, que também havia se transformado. Registra-se, ainda, o *Almanaque Brasileiro Garnier*, contemporâneo do *Almanack Laemmert*, criado pelo grupo Garnier, o qual interessava-se, inicialmente, em realizar propaganda de seus livros. Porém o material também reuniu intelectuais e pessoas influentes, que dissertavam sobre a pedagogia política da nascente república. Hypolite Garnier organizou, junto aos autores presentes nas publicações da livraria e editora, o *Almanaque Garnier*, o qual circulou entre 1903 e 1914 e se tornou um veículo importante, com larga margem de aceitação e de penetração, haja vista que contava com recursos próprios e promovia a livraria.

Em 1885, o Almanack Literário da Província de São Paulo publicava informações de diversas cidades do interior paulista. Nele, havia um histórico dos municípios e uma lista de instituições, de autoridades políticas e de profissões presentes nas cidades. As informações eram ligeiras, curtas, mas compunham, como demais textos, um conjunto informativo. Haja vista que a pujança do café tomava caminho firme nas terras de São Paulo, as edições de 1885, de 1886, de 1887 e de 1888 do *Almanack Literário da Província de São Paulo*, tinham um significado valioso no que tange à exposição das transformações econômicas operadas pela cafeicultura, desse modo, tornou-se um meio de divulgação estatístico e numérico das muitas regiões que acompanhavam a saga do café.

Na cultura do impresso, os almanaques são fundamentalmente conhecidos por divulgarem um conjunto de informações úteis dentro da finalidade a que se destinam. Especialmente os que se dedicam às cidades seu perfil é mais voltado para a exposição das transformações locais numa dada conjuntura econômica que no caso da cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, traduz-se como resultado da expansão da atividade cafeeira que, em 1886, tornou-se o quarto município em maior produção no estado de São Paulo. Em termos de população urbana Rio Claro entre 1854 e 1900 passou de 6.564 habitantes para 31.891 (FERREIRA; OLIVEIRA; BENINCASA, p.10). Além disso, possuem variedades de discursos tais como textos de histórias, biografias, literatura em prosa e em poesia, dados estatísticos, tabela de horários de trens, charadas, piadas, curiosidades, entre outros assuntos.

A história desses almanaques na cidade de Rio Claro tem seu princípio por obra de José Maria Lisboa, português que veio para o Brasil empreender negócios ligados à imprensa tendo iniciado suas atividades na cidade de Campinas tendo sido jornalista da *Gazeta de Campinas* e foi responsável pela organização de vários almanaques no final do século XIX. Dentre esses almanaques publicados nessa cidade em 1872 e 1873, houve apêndices dedicados às cidades de Amparo e Rio Claro (FERREIRA, 2000. p.38). No caso de Rio Claro, a organização do mesmo foi de encargo de Thomaz Carlos de Molina que era o tabelião de notas e escrivão de provedoria o que delimita a participação de Lisboa apenas como publicador. Constituiu um dos mais antigos almanaques de cidades do interior de São Paulo e era intitulado “*Almanak de S. João do Rio Claro para 1873*”. Suas dimensões são retangulares de 12,5 cm de largura x 18 cm de altura x 0,7 cm de volume na edição fac-similar que

tivemos acessos por meios digitais. Esse almanaque se divide numa primeira parte destacada para administração, justiças e profissões e outra, a parte II, trazendo propriamente a história de Rio Claro e propagandas.



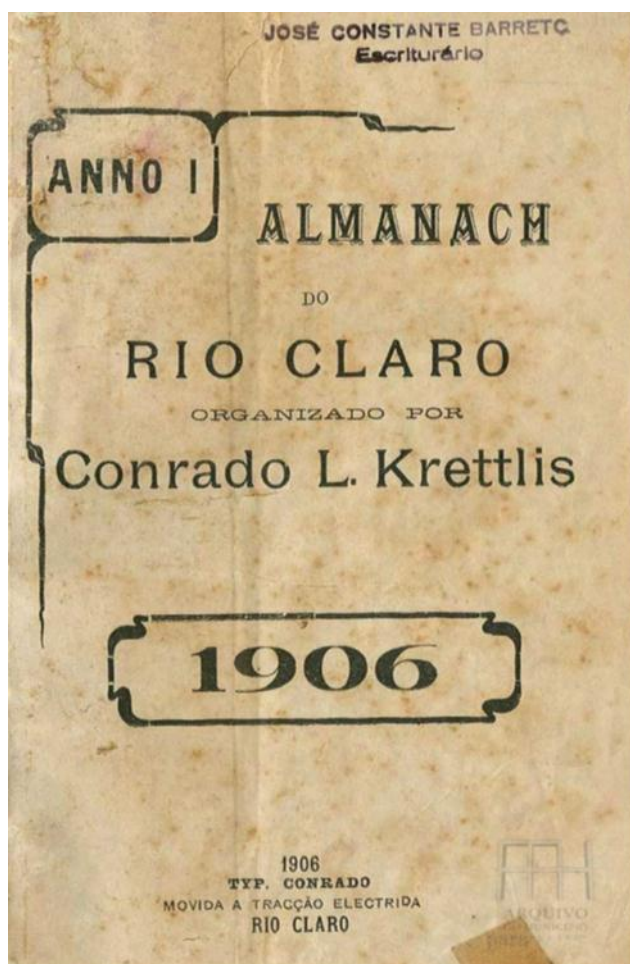
Para o *Almanack do Rio Claro de 1895*, Candido Neves, que dirigia o *Jornal da Gazeta*, encarregou-se de organizar a edição deste ano. No seu subtítulo diz que “*contém informações sobre o commercio, a indústriã e a Lavoura, e a planta da cidade*” tendo 13,2 cm x 17,7 cm x 1,3 cm num total de 141 páginas.



Conrado Krettlis, proprietário da tipografia Conrado, foi o organizador do “*Almanach do Rio Claro – 1906 – Anno I*” contendo 162 páginas. No interior desse almanaque de 1906 constam três fotografias que são do Coronel Marcelo Schmidt, Dr. José V. de Almeida Prado Junior e do Major José Jacyntho de Moraes. Por sinal o coronel Marcelo Schmidt ligado ao *Partido Republicano Histórico* foi eleito vereador e atuou como presidente da Câmara em 1904 e representou a transição para um novo personagem da cultura política local marcada pelo coronelismo da família Salles do *Partido Republicano Paulista*. Schmidt foi destacadamente mais voltado para os imigrantes que no caso de Rio Claro se configuram como alemães, italianos e espanhóis (GOUVÊA, 2011). Já o major foi prefeito por dois mandatos, entre 1905 e 1907 e de 1908 a 1911.

Os almanaques de Rio Claro que analisamos aqui não constituem uma linearidade de um projeto local de elaboração desses impressos, pois foram publicados ocasionalmente. No entanto nossa incursão pelos almanaques em análise proposta aqui desafia o “continuum” da visão histórica, da qual Walter Benjamin tanto destaca em

seus escritos ao desenvolver a noção dos “saltos do tigre”, conceito que equivale à possibilidade de capturar o tempo em saltos, uma visão saturada de agoras”.



Por fim, cabe relacionar Rio Claro entre final do século XIX e começo do século seguinte como um fenômeno cultural do qual conceitua crítico uruguaio, Angel Rama. Para ele a cidade nesse tempo é o resultado dos processos de modernização porque passavam os vários países da América Latina compondo um universo novo na concepção da cidade das letras que se caracteriza pela atuação de um grupo (jornalistas e diversos profissionais liberais, como pedagogos, sociólogos) que critica a cidade das letras já constituída. Dessa forma os detentores da leitura e da escrita criam uma hegemonia nas cidades da América Latina. Fatores como a expansão demográfica e as exportações, culminaram por demandas do setor público. Estes, segundo Rama, criaram um novo mito urbano: o domínio da letra estava relacionado a uma nova ascensão social, ligada aos círculos de poder gerada pela expansão da sociedade burguesa. Contudo, nesse meio em expansão de oportunidades, profissionais liberais passaram a

exercer funções intelectuais, criando para estes um território próprio e contrapondo-se a cidade das letras tradicional.

1. HISTÓRIA E PROGRESSO

Em todas as edições é constante a ocupação de páginas dedicadas à história de Rio Claro. Nesse sentido, o “*Almanak de S. João do Rio Claro para 1873*” num texto escrito por Antônio Augusto da Fonseca, formado em Direito, criou, uma memória histórica, que narrada de forma datada, ano a ano, resultava na observação atenta do passado recente da localidade fundada a quase meio século.

A preocupação de Fonseca é de fazer registro do passado mostrando as terras despovoadas dos sertões paulistas e a chegada de “posseiros” que são responsáveis por trazer transformação nessas terras, pois se mostram “verdadeiros introductores da cultura e da civilização no terreno ainda inculto que se estende além do Rio Piracicaba” (FONSECA, p.48) os quais ele associa a “homens ricos e poderosos, residentes em Itú, Parnahyba, Porto Feliz e S. Paulo”. A criação de sesmarias delimitam, como defende o texto, a existência do homem e do seu labor em florescer as terras de cultivo ou associado a construção de Igreja-matriz que também é a marca do civilizado e marco fundante de vários municípios brasileiros bem como do seu sítio urbano.

No texto de Fonseca, há destaque para a “Sociedade do Bem Comum”, uma espécie de partido político que fundado em 1832 desapareceria em 1837 envolta em certo mistério. Fazia parte integrante da sociedade, o fazendeiro e senador Nicolau de Campos Vergueiro, introdutor na região das primeiras experiências de trabalhador imigrante para a cafeicultura e que também foi responsável pelas orientações do traçado do espaço urbano de Rio Claro. O objetivo maior dessa sociedade era promover condições para a superação dos limites da pequena localidade e colaborar para o progresso de Rio Claro. Uma dessas obras, seu texto esclarece, foi a construção da Igreja Matriz facilitada pela doação de terras pelo capitão Manoel Paes d’Arruda para a demarcação do seu patrimônio. Ainda na sua escrita o autor do texto histórico sobre Rio Claro, destaca as fases de vila elevada em 7 de Março de 1845 e de cidade em 30 de abril de 1857. A partir desse momento destaca que “o progresso e o desenvolvimento do

novo município foi tão rápido que (...) o poder geral decretou uma lei concedendo favores” (p.55) para a construção de uma estrada de ferro ligando Rio Claro ao porto de Santos.

No texto histórico do *Almanack do Rio Claro de 1895*, sem autoria, contém informações sobre os limites geográficos da cidade traz como destaque a explanação em torno do “Gabinete de Leitura de Rio Claro”. Considerado um dos primeiros da província de São Paulo, juntamente com os de Sorocaba e Jundiaí, o *Gabinete de Leitura de Rio Claro*, fundando em 1876 com a finalidade de

“desenvolver o estudo e cultura das letras, indústrias, artes e ofícios”. Mantém desde a sua fundação uma aula nocturna gratuita na qual se acham matriculadas 87 alumnos, dando uma frequência media de 50. A sua biblioteca consta aproximadamente de 5000 volumes, notando-se obras de subido valor. O seu archivo acha-se repleto de jornaes e periódicos de quase todos os Estados do Brazil, recebidos diariamente. Com o título de 23 de Julho, publica uma revista mensal colaborada por distintos escritores”(p.7).

Para o momento em que Rio Claro se desenvolvia economicamente por ocasião da chegada da linha de ferro devido a sua pujante cultura do café, a existência do *gabinete de leitura*, significava outro momento de simbolização do espaço urbano, marcado como verificado no trabalho histórico de Antônio Augusto da Fonseca, pela construção da Igreja Matriz. O gabinete aparecia como outro componente de emanação de significado do urbano: “o surgimento de novos grupos sociais abraçando projetos de educação e saber secularizados, em clara obediência às Luzes do pensamento liberal” (MARTINS, 1998. p.184). O gabinete representava dessa forma a imagem da cidade letrada do domínio da palavra escrita, espaço da sociabilidade e da civilização. Que por sua vez contrastava com as noções dissonantes de tempo e espaço, rural e urbano, do arcaico e moderno.

O trabalho histórico presente no *Almanach do Rio Claro – 1906, Anno I* denominado “Esboço histórico de São João do Rio Claro” praticamente retoma as considerações dos textos anteriores e estabiliza sua escrita por volta das datas de 1857 data que ocorreu elevação de Rio Claro a categoria de cidade que o autor sem nome denomina como primeira fase da história de Rio Claro. Curiosamente o texto indica que a continuidade desse relato se faria em melhor tempo e condições para o almanaque do ano seguinte o que nunca aconteceu.

De forma geral a palavra que mais aparece nos textos analisados é “progresso”. Uma noção diluída na leitura que se relaciona a “doação de terras”,

“construção da Igreja Matriz”, “extensão da área urbana”, “ferrovia”, “gabinete de leitura” e “ações da câmara municipal”, “emancipação”. Articuladas todas essas ideias, a história mostrada nos almanaques de Rio Claro trazem essas linhas de força de compreensão, com seu estilo rápido e informativo, de uma história linear, datada e rumo à superação do atraso. Passa, nesse sentido, a abrigar um gesto da escrita da história por meio dos seus autores fundamentando um tempo histórico sempre a ser retomado como ponto de partida do passado, uma memória a ser novamente visitada portadora de imagens míticas e fundadoras dos feitos dos homens e do progresso alcançado. Se a narrativa histórica pontua a abertura dos almanaques rio-clarenses, nas páginas que seguiam podia-se observar um arranjo de temas que conferiam o desvendamento de uma cidade simbolizada pela marca do progresso. Ao mesmo tempo, silencia outras realidades não desejáveis por essa narrativa da história como, por exemplo, a greve de ferroviários de 1901 que teve participação de ideais socialistas e anarquistas (GOUVÊA, p.77) e que justificavam o ato por conta do aumento das horas de trabalho e diminuição dos salários (SANTOS, p.164).

2. PÁGINAS E IMAGENS DA CIDADE

O editor do “*Almanach do Rio Claro – 1906, Anno I*” faz algumas afirmações ao justificar o sentido da publicação desse almanaque:

“...de um lado queríamos fazer o Rio Claro conhecido melhor pelos seus filhos, e também pelos de fora: de outro lado, queríamos desenvolver nosso gosto pelo que tendesse para o engrandecimento de nossa terra”(p.I).

logo adiante:

“A nossa cidade fornece elementos de sobra para um bom almanach. Nem precisamos receiar coisa alguma a outras que formam o cortejo desta que é a “Princesa do Oeste de S. Paulo”, porque do que as outras tem de mais, nós não fomos mal partilhados”.
A Providencia fazendo-nos “Princeza”, deu-nos as riquezas para a conservação do nosso estado em que permanecemos e havemos de permanecer.
Queremos disto provas? Temol-as sobejamente. Em qualquer esfera de nossa vida, que se nos apresenta como elemento de observação, veremos a realidade do que afirmamos” (p.II).

As palavras do editor, Conrado L. Krettliis dono de uma tipografia movida a motor elétrico conferem uma personalidade para o almanaque que se tipifica a ser de

cidade, neste caso: “fazer-se conhecida” e toma o tema do urbano e de suas transformações que passam a preencher suas páginas com os conteúdos mais diversos que referenciem o estado da cidade admitido de forma incontestada. Ainda, Krettlis aformoseia sua pena, cunhando um epíteto para Rio Claro, o de princesa. Denominação muito comum a algumas cidades do café. São Carlos mesmo, vizinha distando 40 km de Rio Claro, era chamada de “Princesa do Oeste”. Uma maneira de dizer que a cidade tinha a formosura e o encantamento feminino numa visão idealizada que no caso de Rio Claro tem a ver com o aspecto da riqueza que vem das condições econômicas geradas pela cafeicultura.

Cada página que se abre dos três almanaques, ressalvada a forma disposta desses temas em cada um deles, é possível obter imagens de uma cidade sob vários aspectos pertencentes ao universo urbano. Destaco aqui dois deles: as profissões e as publicidades.

No primeiro, o que se nota de maneira geral entre os três almanaques é a existência de uma hierarquização da cidade nas páginas mostrando inicialmente as funções administrativas de uso coletivo como “administração e justiça”, “polícia”, “câmara municipal”, “cadeia”, “coletorias de rendas”, “agência do correio”, “cadeia”, “praça do mercado”, “instrução pública e particular”, “templos religiosos (católicos e protestantes)”, “cultura” exemplificada por orquestras e bandas”, “capitalistas”, “proprietários” (residentes, donos de imóveis), “fazendeiros”, “lavradores de algodão”, “lavradores de açúcar”, “profissionais liberais”, “comércio” e “indústrias, artes, ofícios, etc”. Essas temáticas aparecem sequencialmente no almanaque de 1873 ou entremeadas por outros textos nas páginas dos almanaques de 1895 e 1906. Vale mencionar que apenas no almanaque de 1873, constata-se escravos matriculados até 30 de Setembro de 1812 em torno de 4.013 e “ingênuos”, até a mesma data. No *Almanach do Rio Claro - 1895*, os “agricultores de café” aparecem no começo e a ordem elencada logo acima vindo depois.

A relação das profissões nos almanaques evidenciam a cidade sob a ótica do trabalho, dos negócios, das indústrias sempre seguida de nomes e suas respectivas atividades. A cidade de Rio Claro se dinamizava e nomes dos primeiros povoadores, alemães, italianos, entre outros aparecem nas longas listagens em atividades urbanas. De fato, aos leitores dessas publicações o contato com esses índices mostravam a atividade econômica se desdobrando em diferentes ramos. No entanto o manejo dessas informações revelam as relevâncias e ocultamentos, de sujeitos em atividades

destacadas e modernas em detrimento de outras como é o caso dos trabalhadores rurais. Para uma cidade que se quer mostrar moderna através das páginas dos almanaques esse jogo de ambiguidades afirma a busca por uma cidade idealizada.

As publicidades aparecem de forma mais evidente nos almanaques de 1895 e 1906. Estas se figuram nos almanaques condizem com produtos variados que utilizam formas de se expressar para o leitor que configura a presença da modernidade na veiculação de mensagens. Um exemplo muito interessante disso está no anúncio da Loja Santos Dumont (1906. p.110). Apresentamos aqui quatro anúncios presentes no Almanaque de 1906. Vejamos o conjunto:

*Santos Dumont em Pariz
No meio do que é bom
Ignora que por estes Brazis
Exista uma loja “Santos Dumont”?*

*Não! Por certo não ignora.
E para causar sensação
No espaço, quarenta e oito horas
Manobrar vae contra a viração.*

*E o premio ganho será
Pelo arrojado campeão
E, mais gloria conquistará
Para gloria de sua nação.*

*E em balão elle virá
Nas azaz de um tufão
E em Rio Claro aportará
Na barateira “Santos Dumont”*

*Se nossos versos não tem rima
E nem metrificação
Saiba o leitor que a culpada é a prima
Loja do Rio Claro “Santos Dumont”.*

NO MERCADO

Entre caipiras:

___O Neco, onde mecê comprô esse brim tão bonito?

___É bão a conta itera. Retorgio o Nho Chico!

___Mái a onde foi que comprô?

___Ué, pois mecê não sabe? Comprei este brim mais este chapeo bão e essa batina, la na rua 4 no Elia. E barato que foi... E tá mundo!

___Mais home em que loja da rua 4, não é só uma que izeste nessa rua, tornou o Neco impaciente.

___Pois é no Elia do Santo Dumão...

___Han? Já sei, na rua 4, canto da avenida 8.

___Isso mesmo, Nhô Néco, isso mesmo. (p.111)

No Largo da Matriz:

___ *Bom giorno signore!*
 ___ *Bom dia; paisano mio.*
 ___ *Diga-me uma cosa.*
 ___ *Prompto, comradre.*
 ___ *Onde que se acha um santo que se chama Dumão?*
Oh! Patrício, isso agora é que não sei, no calendário não existe nenhum santo com esse nome.
 ___ *Per Dio. Manajo São Genaro! Ouvi dizer que questo Santo Dumão fazia muitos milagres e que vendia muito barato ___ quasi de graça e com esta crise em que ganhato cinque lire per giorno é um achado um santo tão milagroso!*
 ___ *Ah! ah! ah!... Já sei. Você se refere a loja “Santos Dumont” não é isso?*
 ___ *Não sei signore, só se me enganaram; disseram-se que era um Santo...*
 ___ *Não é Santo, patrício, mas é uma Loja que faz milagres, vendendo tudo por pouco mais de niente.*
 ___ *E Onde se acha essa loja? Per la madona?*
 ___ *Acha-se à Rua 4 – canto da Avenida 8.*
 ___ *Milla grazzie, caro amigo. E sem querer ouvir mais informações, lá foi o italiano levar o seu rico cobrinho ao Elias, que com certeza abarrotou de tudo o que é bom e por pouco preço. (p.112)*

Pelo telephone

Tlin... tlin... tlin... tlin...
 ___ *Prompto! Que falla.*
 ___ *É a crise, sua creada.*
 ___ *Que deseja minha senhora.*
 ___ *Diga-me cavalheiro, em que loja se poderá fazer comprar por pouco dinheiro.*
 ___ *Oh! Minha senhora! Pois ainda ignora que em Rio Claro existe uma loja que além de vender tudo por menos do custo os fregueses, ainda sahem bem servidos com a qualidade da fazenda?*
Oh! Depressa, diga-me, em que rua encontra-se essa loja, que eu quero ir la correndo.
 ___ *É a rua 4 --- canto da Avenida 8, denominada, Loja “Santos Dumont”.*
 ___ *Obrigada, cavalheiro, passe bem.*
 ___ *Passe bem. minha senhora. (p.113)*

O conjunto dos anúncios apresentados tocam num universo de características envolvendo a questão da vida social rio clarense. Num momento de expansão da malha urbana os sujeitos dessa realidade são envolvidos na trama discursiva que revelam o habitante da zona rural e o imigrante italiano. Nos dois anúncios o uso da sonoridade do sotaque envolvendo os personagens. No caso do italiano a confusão causada pela língua com o desconhecimento da localização da loja e o nome dado a ela traz uma maneira de registrar a imagem do estrangeiro como um ser cidadão, mas que se coloca no espaço da cidade em busca de suas referências. Por sinal, chega a ter uma conversa com o “patrício” seu, certamente um italiano, a dificuldade pela sobrevivência quando menciona a dureza de conquistar diariamente seu sustento. Atenta para a uma crise de recursos, provavelmente gerada no contexto de 1906 pela

super safra do café. Crise, aliás, é a palavra que vem em seguida dialogar com o dono da loja Santos Dumont. Transformada numa piada, a conversa tenciona com a crise o intento da loja em dizer que possui espírito barateiro numa conversa por telefone. A loja Santos Dumont é um dos exemplos relacionados a noção de consumo que era incitada pelos anúncios, por exemplo, no Almanaque de 1906.

Outras situações e anúncios tomados como exemplos reforçam a perspectiva envolvida por vários recursos da linguagem, como elementos discursivos, gráficos e visuais. Na imagem abaixo a “*Padaria e Biscoutaria Paulistana*” o estabelecimento é reforçado na ideia de uma fazer de suas atividades respaldadas pela prática no tempo ao dizer que foi “fundada em 1902” e denotando a ideia de uma competência na entrega em sua diversidade de produtos pelo ornamento da página em estilo *arte nouveau* reforçando a imagem do moderno. Rafael Cardoso analisa que “o Art Nouveau permanece associado ao luxo e à prosperidade da chamada Belle Époque que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, enquanto o Art Déco está ligado [...] ao surgimento de um espírito assumidamente modernista nas décadas de 1920 e 1930” (CARDOSO, 2008, p. 97-98).

28 ALMANACH

PADARIA
* E *
BISCOUTARIA
PAULISTA

Fundada em 1902
SORTIMENTO COMPLETO
DE

Biscoutos, Roscas, Bolachas, Doces,
Sequilhos, Pães de todas as qualidades.
Faz-se por encomenda toda e
qualquer massa de forno.

Antonio Izidro de Mello
Rua 8, Esquina da Avenida 7

RIO CLARO

ARQUIVO
MUNICÍPIO
RIO CLARO

A loja “A Lyra Rio-Clarense – casa especial de Música” tem destacada sua presença por uma imagem de sanfona e uma harpa, anunciando uma mostra variada de instrumentos musicais. Curioso que o local tem uma variada gama de produtos além daquela que se destina como brinquedos importados, artigos de higiene, armarinhos, produtos de carnaval. Porém no conjunto todos os elementos que se dispõem a loja a vender trazem consigo o intento de estimular o consumo moderno, mostrando os encantamentos da cultura expandida das Exposições Universais facilitada pela sedução dos preços convidativos.

ALMANACH 125

A' LYRA RIO-CLARENSE

CASA ESPECIAL DE MUSICA

— DE —

JULIO MARASCA

Avenida I, n. 2 A — RIO CLARO

Sortimento de sanfonas, bandolinos, violões, flautas, clarinetas e ocarinas das melhores fabricas estrangeiras.

Completo sortimento de especies CORDAS NAPO-LITANAS para violinos, bandolin, violão e guitarras, contraixos etc. palhetas, livros e papel para musica e anexa Oficina de Concertos.



GRANDE SORTIMENTO DE ARTIGOS
PARA O CARNAVAL

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE BRINQUEDOS
das melhores fabricas de França, Allemanha, Italia.

Carrinhos, Bonecas, Bolas de borracha, Piões de mola, Garruchinhas, Tambores, Bonecos automaticos, Espelhos, Leques, Relogios, Cavallinhos de pão, guarda-nikel, Carteiras, Pentes, Artigos para toilette. Especialidade em enfeites para arvore do Natal. Perfumarias e miudezas de armarinhos.

AO ALCANCE DE TODOS OS BOLSOS DE,
100 RÊIS PARA CIMA
VÊE PARA CRÊE

ARQUIVO
MUNICIPAL

Na mesma direção do moderno procurando atrair clientes, a loja “A notre dame de Paris” já possui no seu nome o apelativo ao local das experiências mais recentes da modernidade fazendo a aproximação com o locus da “civilização” e “civilidade” modernas. O nome e os produtos vendidos nessa aparecem envolvido por linhas em art nouveau e atrai o consumidor com base na ideia do que é melhor ou refinado.

48 ALMANACH

go, Guilherme Zoega, José Maquion e Luiz Zam-
zini, José Masson, João Bottassim, João Ragon-
a, Manoel Gaspar Litoldo, Priore Domenico, Dette-
Modesto, Patriccio Contiri & Filhos, Pedro Boyvo,
Rogério de Camargo Neves, Raul de Camargo Ne-
ve., Veracci Pedro, João de Camargo Neves, La-
zaro Marcelino de Godoy.

A'Notre Dame de Paris

João Pires de Oliveira Dias

CASA ESPECIAL
- DE -

Fazendas, Armazinho, Modas, Louças,
Chapéos, Guarda-chuvas.
Roupas, Drogas, Novidades

DEPOSITO DE CAMISAS PARA HOMENS E MININOS
Objectos de Escriptorio, Livros em branco, Machinas de Costura
PERFUMARIAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES
DEPOSITO DOS CELEBRES PREPARADOS DE
LUIZ CARLOS
GRANDE SORTIMENTO DE HOMEOPATHIA
Incumbe-se de qualquer encomenda
Vendas a dinheiro e a preços muito razoavel

Avenida I, N. 26
CANTO DA RUA 6
RIO CLARO

Outro aspecto da cultura contemporânea e bastante afamado para consumo ao mesmo que integra uma nova cultura da visualidade modernas foi a fotografia. Walter Benjamin compreende que a fotografia desde o seu surgimento configura-se como uma dos traços fisiognômicos da modernidade capitalista (BENJAMIN, p.222). Por fisiognomia, entenda-se por uma certa arte de ler o mundo através de imagens (BOLLE, 1996, p.40). Para Walter Benjamin, “escrever a história significa dar às datas a sua fisionomia” (BENJAMIN, 2006. p.518) ou seja o rosto da história. Imagens são para Benjamin produtoras de movimentos dialéticos, expressões do mundo contemporâneo em constante transformação e aceleração e que propiciam a produção de um conhecimento sobre a história. Mas também são capazes de demonstrar magia e maravilhamento eivada de uma técnica que contraria o estado natural da história. No anúncio abaixo, o interesse de vender a fotografia realçando a circulação de imagens na

cidade de Rio Claro. Na pesquisa feita sobre Ribeirão Preto com relação a circulação de fotografias na cidade a historiadora Higina Marques conclui que”

A fotografia poderia ser colocada exatamente na intersecção de diversos aspectos que caracterizam a cultura moderna, como, por exemplo, a tentativa de fixar momentos fugazes e evanescentes e representar o presente em constante transformação, evidenciada também nas obras impressionistas. A ideia do indivíduo único e a transformação do corpo em imagem adaptável aos sistemas de circulação modernos também são associadas à fotografia. (MARQUES, 2018. P. 52)

66 ALMANACH

PHOTOGRAPHIA

N'esta photographia regularmente montada, trabalha-se com toda perfeição e aos seguintes preços:

1	Duzia de Retratos Mimosos	5\$000
1	» » » Visita	10\$000
1	» » » Gabinete	25\$000

Formatos maiores preços a convencionar.

TRABALHO GARANTIDO

A. KNUDSEN
PHOTOGRAPHO

Rua 5, N. 69
RIO CLARO
(ESTADO DE SÃO PAULO)

ARQUIVO
DO MUNICÍPIO
RIO CLARO



O anúncio da “Cervejaria Rio Claro”, no almanaque de 1906 traz uma observação de um atento observador. O autor da crônica intitulada fábrica de “Cerveja Rio Claro uma impressão” mostrava não acreditar que numa pequena cidade do interior paulista, ainda em crescimento impactado pela força magnética da cafeicultura, o observador não pudesse crer que ali se pudesse produzir uma cerveja. Diz ele:

Rio Claro, a bella e prospera cidade do Estado de São Paulo, deve orgulhar-se de possuir em seu seio uma importantíssima Fábrica de Cerveja, cuja ideia sublime, industriosa, surgiu do invicto empreendedor major Carlos Pinho e, actualmente, de propriedade do respeitável cidadão Júlio Stern, de cujas qualidades que o cercam, eleva-se a superioridade de uma caracter inabalável.

Duas horas da tarde hora em que propositalmente alguém pareceu me convidar para uma visita agradável aquela fábrica. Foi que para lá dirigi-me ardentemente de curiosidade embora tivesse convicção de que daí a instante estaria dentro de uma temperatura inteiramente fria.

Houve posso dizer, francamente, um contraste apoderando-se de mim como um braço estranho de ninfa que se nos prende em cujos cabelos loiros desse a suavidade da carne em flor e o sorriso a cristalizar ideia magnânima.

Essa frase dita pelo cronista mostra um tom de apreensão que em seguida se torna de estupefação.

Quando diz que a fábrica produz 100 kg por hora de gelo? e a 350 kg com máquina a vapor. A produção anual é de 6000 hectolitros possui a fábrica seis câmaras frigoríficas onde ficam depositados em grandes tonéis a 800.000 hectolitros.

O cronista na prática faz uma propaganda referindo-se a *Cervejaria Rio Claro* como um estabelecimento moderno e movido a maquinarias e energia elétrica fruto da imigração alemã. Seu maravilhamento se constrói pelas fantasmagorias da modernidade capitalista, mas inicialmente se referindo ao descrédito por ser a cidade de Rio Claro uma cidade ainda dando seus passos rumo ao almejado progresso de uma cidade-sonho.

Mas se essa cidade, onde o simbólico concretizava a cidade almejada, a piada poderia mostrar as ambivalências entre mundos que opostos atravessava a existência dos sujeitos embora as experiências de vida fosse interpenetrantes e essenciais ao desenvolvimento local.

Um roceiro vae ao teatro.

___No dia seguinte pergunta-lhe alguém o que viu.

___Não sei, responde o pobre homem. Levantaram um cortinado muito grande a appareceram lá em cima uns sujeitos e umas mulheres que se puzeram a tratar de negócios de família; depois brigaram; e eu para não ser chamado pela polícia para servir de testemunha, tratei logo de me pôs ao fresco. (p.121)

O texto alude as confrontações entre o velho e o novo, o arcaico e o moderno descaracterizando experiências sociais arraigadas na ruralidade em nome da urbanidade aspirada. O roceiro, o caipira, mostrado na imagem do seu não entendimento

do que ocorria no palco, mostra-se inapto para alçar o progresso denotando uma incivilidade ante o moderno.

Se há reconhecidamente uma imagem da cidade decodificada por meio de uma escrita urbana onde a paisagem se transforma em texto, o mesmo é possível de aprender quando a própria escrita passa a transposição de cidade como texto no almanaque. Desse modo o almanaque passa ser um espaço fluido de hipertextos sobrepostos em que deslizam uns sobre os outros gerando múltiplos significados. Daí, a compreender esses impressos como monumentalidades do urbano, leituras do tempo presente. A partir desse ponto, passamos a apresentar as temáticas recorrentes nos almanaques elencados. Portanto o leitor do almanaque caminha pelos olhos por essa cidade inscrita em texto de muitos sentidos, mas que idealizada e realçada discursivamente é uma das muitas facetas que esta cidade pode ter.

Referências

ANASTÁCIO, V. Almanques: origem, gêneros, produção feminina. Santiago de Compostela: VEREDAS 18. Associação Internacional de Lusitanistas, 2012. p. 53-74.

BOLLE, Willi. Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo horizonte. Editora UFMG: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2006.

CARDOSO, Rafael. (Org.). O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2005.

DONEGÁ, Ana Laura. Folhinhas e Almanaque Laemmert: pequenos formatos e altas tiragens nas publicações da tipografia universal. Revista Seta. IEL. Unicamp. 2012. P.16-28

FERREIRA, Celso Antônio. A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FERREIRA, Monica Cristina Brunini Frandi; OLIVEIRA, Carolina Bortolotti de. BENINCASA, Vladimir. Urbanização e ferrovia: implantação do sistema ferroviário e suas consequências no espaço urbano da cidade de Rio Claro/SP– IAU-USP e ASSER-Rio Claro.
http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquio_t2_urbanizacao_ferrovia.pdf (Acesso em 11.10.2020)

GOUVÊA, Flávia Mengardo. Os imigrantes alemães em Rio Claro: estratégias de sobrevivência e redes de sociabilidades nos séculos XIX e XX. Dissertação (Mestrado em História). UNESP. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Campus de Franca.

HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil: sua história. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2005.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MARTELETO, RM., GUIMARÃES, C., e NÓBREGA, NG. Almanaque da dengue: conhecimento, informação e narrativas de saúde. In: MARTELETO, RM., e STOTZ, EN. (orgs.) Informação, saúde e redes sociais: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, pp. 83-106.

MARQUES, Higina Teixeira. Da fotografia na cidade a cidade na fotografia: Ribeirão Preto 1891-1923. Tese de Doutorado em História. FCHS, UNESP-Franca. 2015.

MARTINS, Ana Luísa. A invenção e/ou eleição dos símbolos urbanos: história e memória da cidade paulista. In: BRESCIANI, M. S. (org.). Imagens da cidade: séculos XIX e XX. São Paulo: MarcoZero/ANPUH, 1994.

RADICH, Maria Carlos. Almanaque: tempo e saberes. Lisboa, Centelha, s. d.

RODRIGUES, José Honório. Resenha para o ALMANACH PARA A CIDADE DA BAHIA, ANNO 1812 (Bahia. Na Typ. de Manoel Antônio da Silveira Serva. Com as devidas licenças necessárias). Conselho Estadual de Cultura. Secretaria de Educação e Cultura da Bahia. 1973. Edição fac-similar. 264 páginas. Impressão pela Empresa Gráfica da Bahia
https://www.researchgate.net/publication/322606102_Resenha_de_Almanack_para_a_Cidade_da_Bahia acesso em 10.03.2019.

SANTOS, Fábio Alexandre. Rio Claro: uma cidade em transformação (1850-1906). Dissertação de Mestrado. Unicamp - Instituto de Economia. 2000.

Fontes

MOLINA, Thomaz Carlos de . Almanak de S. João do Rio-Claro para 1873. Org. por e pub. Por José Maria Lisboa. Ed. Facsimilar. São Paulo: Imp. Oficial. Arquivo do Estado, 1981.

NEVES, Cândido. Almanack do Rio Claro organizado por 1895. Contem informações sobre o commercio, a industria e à lavoura, e a planta da cidade. Rio Claro, Officina Typographica da Gazeta, 1895

KRETTLIS, Conrado. Almanach do Rio Claro organizado por para 1906. Rio Claro, Typ. Do Conrado, 1906.